



## ECCE HOMO - EIS O HOMEM! A EXTREMA ALTURA DO VÔO

### ECCE HOMO – THERE COMES THE MAN!

Maria Tereza Jorgens Bertoldi<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo propõe uma reflexão sobre o pensamento nietzschiano orientado num sentimento de transvaloração de todos os valores até então vigentes, como eixo para repensar uma cultura capaz de revitalizar as energias do homem e os estados de humanização. Foi um precursor da pós-modernidade antecipando questões de ordem cultural e social.

**PALAVRAS-CHAVE:** Nietzsche, Filosofia, Transvaloração de valores

**ABSTRACT:** This article presents a reflection on the Nietzschean thought based on a feeling of change of all values so far established, as a main point to modify a cultura able to bring new life to man's energy and to states of humanization. It was an indicative of post-modernity, by anticipating questions of cultural and social order.

**KEY WORDS:** Nietzsche, Philosophy, Change of values

Ler Nietzsche em sua múltipla obra é descortinar o pensamento, abrindo-o a toda possibilidade de entender os contrastes do “Mundo verdadeiro e do mundo aparente”. Em *Ecce Homo*, aflora toda a atmosfera do sentimento de que é capaz o homem, através da sabedoria avançar nas profundezas do interior para voltar à superfície do entendimento, na plenitude da liberdade do pensamento, revelando que a vida é movimento para auto-superação.

Apesar de reconhecer-se, inicialmente, como um decadente, sente-se capaz de ir além para acabar sendo o seu contrário e afirmar-se como um superador. Não é conformismo nem sentimento de derrota, pelo contrário, pois nos seus quarenta e quatro anos de então, havia experienciado toda a capacidade de produção, que foi intensa. Assim, arriscar comentários sobre o polêmico filósofo, criticado, incompreendido, paradoxal, é uma ousadia, até porque esta é uma introdução da leitura do livro “*Ecce Homo*” que é uma obra autobiográfica, onde Nietzsche já se

---

<sup>1</sup> Jornalista e Prof<sup>a</sup> da Facos/URCAMP/Bagé, Doutoranda em Comunicação Social (PUCRS). [mt.bertoldi@uol.com.br](mailto:mt.bertoldi@uol.com.br)



impõe diante de quem queira apresentar algo de alguém, pronunciando “Não me confundais com os outros”.

A extrema altura do vôo de Nietzsche se evidencia na extrema libertação das formas de pensamento. “Só nessa condição vale a pena pensar e viver. Ninguém vive por nós a nossa própria vida, ninguém pode pensar por nós e para nós” - “Sê tu próprio” eis o mandamento de Nietzsche.<sup>1</sup>

O autor de *Ecce Homo* recusa todo o sistema fechado e permanece, indefinidamente, aberto; recusa todo o ídolo e toda a fórmula e não se intimida em afirmar “Derrubar ídolos - isso sim, já faz parte do meu ofício”. Na leitura da obra, melhor iremos compreender quem realmente é este filósofo extemporâneo que não foge àquela condição de desafio constante diante de todos os abismos, porque a melhor maneira de superar-se é enfrentar-se.

Pareceria um megalomaniaco, ao expressar todos os impulsos vitais como “vontade de potência”; “Por que sou tão sábio”; “Por que sou tão inteligente”; “Por que escrevo tão bons livros”; assim este filósofo antimetafísico não dá trégua. É a lógica da luta que ele traduz como “vitória sobre si mesmo”. Em *Ecce Homo*, pórtico de toda a sua obra, testamento que contém, a um tempo, exaltações e desânimos, vêmo-lo investir resolutamente contra os preconceitos arraigados nas almas das multidões, procurando novos valores. Senão, vejamos, o que discorre sobre os preconceitos morais e interpretações sobre a leitura do livro.

Em “*Ecce Homo*” - Nietzsche, antecipadamente, projeta e destaca o pensamento de inconformidade aos modos suspeitos de filosofar, das respectivas épocas de majestosa tradição, com a intenção revolucionária de transmutar valores religiosos ou profanos da teologia consagrada que a concepção do seu pensamento contrapõe-se e denuncia como um desrespeito ao Homem quanto a sua condição vital, toda a espécie de conformismo que o aprisiona aos legados morais, doutrinários ou filosóficos. Em sua obra, Nietzsche não esconde as suas bem humanas raízes ao dizer: “quem sou”. Sua apresentação fiel aos princípios fundamentais do humanismo metafísico, pela excelência do pensamento humanístico é, entretanto, uma alegoria de um antimetafísico acusado mesmo de ser um teórico pró-fascismo, polêmico, que exprime um contraste filosófico de maneira a “abater ídolos” (eis como chamo meus ideais).<sup>2</sup>

No mais agudo do sofrimento pela perda dos pais, a saúde física abalada, não afetou porém a plenitude do pensamento. Antes, suas experiências de maneira geral conferem-lhe o direito de “desconfiar dos chamados instintos desinteressados”, desse “amor ao próximo” sempre disposto a socorrer e dar conselhos. Tal amor a parecer-me com debilidade, como caso particular da incapacidade de reagir contra os impulsos. “A piedade só nos decadentes é virtude”.<sup>3</sup>



“Humano, demasiado humano”, Nietzsche, em suas colocações defende a liberdade do ser humano de suas amarras convencionais. Livre pensador, Nietzsche transbordava sua filosofia experimental e se o próprio contexto histórico não o entendia, já previa que alguns nascem para a posteridade. O legado nietzscheano tornou-se mais vivo após a sua morte, o que acontece com os extemporâneos. Fiel à força de suas idéias considerava atacar um adversário, uma prova de benevolência, de dualidade, igualdade, perante o outro e faz questão de não ser confundido com algum pregador ou fanático, pois não exige fé de ninguém. Nietzsche define-se como um “Anticristo” e que nisso está o seu papel de vida, não de além-mundo. Nos seus aforismos revela uma curta espiritualidade, um espírito tornado livre, prudente, às vezes frio e sarcástico. “Não há aqui, na verdade, possibilidade de habitação para os impuros” ! “Para os seus corpos e suas almas seria a nossa felicidade uma gruta de gelo”.<sup>4</sup>

Extremamente confiante de suas possibilidades não se intimida em dizer “Por que sou tão sagaz”. Considera-se demasiado problemático e orgulhoso para contentar-se com respostas grosseiras. Confessa seu ateísmo como resultado de conceitos para os quais nunca dedicou atenção. “Deus, imortalidade da alma, salvação, além, são respostas grosseiras para os pensadores. É como dizer: Não devais pensar.” ! “Devo a Sthendhal a melhor expressão de ateísmo que seria possível inventar: A única desculpa de Deus é não existir. E eu próprio disse em certo passo: Qual foi até agora a maior objeção contra a existência? Deus...”.<sup>5</sup>

Ambivalente e imprevisível, Nietzsche nega o Deus metafísico, porém escapa ao referir-se a Zarathustra, “é o artista que na recorrência eterna do viver, sente-se livre para anunciar toda essa transformação quando da descoberta de que tudo é um eterno devir, eterna criação inocente, sem o peso da culpa que detinha todo o criador. Dentro dele pulsa um deus”.<sup>6</sup> Que deus será este?

Ferrenho crítico da cultura alemã ousa em dizer que onde chega a Alemanha, corrompe a cultura. O filósofo despeja suas críticas mais rotundas a ela, ao cristianismo e a todo o tipo de anti-semitismo. Mais um motivo para perceber que ele jamais poderia ter sido colocado à mercê dos propósitos nazistas. Um profeta de sua própria identidade, Nietzsche denuncia o fim das velhas verdades como crepúsculo dos ídolos e empreende a tarefa da transmutação, animado por um sentimento de orgulho da sua imortalidade. Reconheceu ser uma fatalidade. Não sou homem, sou um dinamite, afirma. Reitera repetidas vezes ser um céptico; despreza os crentes; nem sequer crê em si próprio. Atitudes convulsivas e demolidoras das crenças consoladoras; enfastia-se da vulgaridade e faz apologia da força de viver. A vontade do poder resume todo o propósito da vida. Vontade de potência é ter mais vontade: viver melhor, sem culpas. O espírito devia estar perpetuamente livre.



Em *Ecce Homo* temos a sua confissão. Nota-se em sua obra uma prodigiosa sucessão de orgulho e entusiasmo que reflete o seu pensamento. As suas idéias são liberais na plenitude da palavra, dando ao intelecto uma facilidade de compreensão admirável. Utiliza-se da ciência para desmascarar a religião. “Prefiro ser um sátiro a ser um santo”. “A filosofia, como até agora a compreendi e a vivi, é o viver voluntariamente no meio do gelo e sobre as altas montanhas, procurar tudo quanto é estranho e problemático na existência, tudo quanto foi até agora condenado pela moral”.<sup>7</sup> “Começa, então a minha campanha contra a moral”.<sup>93</sup> É preciso penetrar onde busca o autor demonstrar a sua fé a tudo quanto foi até hoje desvalorizado, a tudo quanto se venerava em nome da moral, aprisionando o homem a uma moral da decadência.

A filosofia nietzscheana é orientada para o futuro da humanidade: caminho próprio; emancipação dos valores até então aceitos, dizendo “sim” a tudo, obrigatoriamente, fazendo calar a verdade. “Tal tarefa procede, necessariamente, da intuição de que a humanidade não segue o seu próprio caminho, que ela não é orientada por um Deus, que, muito pelo contrário, sob as suas concepções dos valores mais sagrados se ocultava, insidiosamente, o instinto de decadência”.<sup>8</sup> O filósofo expõe sua campanha contra a moral porque adverte para a transvaloração de todos os valores, como eixo que a moral tem sido usada para seduzir a todos como forma de persuasão. “Chega-se assim à fórmula de Nietzsche para combatê-la: a auto-superação da moral, para que o homem aprenda a depender de si próprio e não da tradição, pois esta corrói a individualidade”.<sup>9</sup>

Longe de ser uma “artilharia pesada” como cita em “Aurora”<sup>10</sup>, Nietzsche coloca-se disposto a preparar a humanidade para o que indica como “autoconhecimento”. Os homens, segundo o filósofo, têm sido guiados pelo “espírito de negação” à vida com pseudoconceitos que auxiliam a moral em virtude de um não conhecer-se, construindo um sentimento de culpa. É preciso “bailar sobre a moral”, libertar o espírito, desse modo é que a humanidade será criadora em todo o seu poder de pensar e de agir. “Que sentido têm estas concepções enganadoras, estas concepções auxiliares da moral, “alma”, “espírito”, “livre-arbítrio”, “Deus”, senão o de arruinar fisiologicamente a humanidade?”<sup>11</sup>

Uma luta contra a moral da renúncia, a perda do equilíbrio, a resistência contra os instintos naturais - eis o que até agora se chamou de moral... Nietzsche “não poupou críticas aos alemães que ao invés de construir o ser humano como aquele capaz de conviver com os seus abismos, enquadravam-no numa massa uniforme (o “rebanho”). Os germânicos eram denominados por ele “os filisteus da cultura” “os de espírito vulgar”.<sup>12</sup>



Em *Ecce Homo*, Nietzsche traz toda a possibilidade de repensar sobre o que é necessário para que haja uma cultura na qual o ser humano não tema viver além da decadência de reduzir-se ao dualismo, corpo e espírito. Revela que a vida não é apenas uma autobiografia, mas um movimento de superação. Nietzsche fez ácidas críticas aos intelectuais alemães em virtude do comportamento que chamou de “rebanho” do fazer humano. Diante do “rebanho”, do coletivo, ele era um “imoral”.

Esse antigermanista convicto é um dos maiores inspiradores do mundo moderno, cuja lição longe de ser exaurido pode servir de guia ao mundo contemporâneo. Ao afirmar “Deus está morto” revolucionou todo o pensamento moderno podendo vir a ser um precursor do pós-modernismo. O que ele propõe é ultrapassar a condição do homem “anêmico” para buscar estados mais completos de humanização, um paradigma das energias de que somos portadores.

Toda a sua obra elucidativa sobre a moral invoca a abolição da autocomplacência que o comodismo intitula de moral. Na sua concepção há uma luta permanente entre a vida que se afirma e a que vegeta. Os conceitos de Nietzsche pretendem sacudir a humanidade para a exaltação vital e sem preconceitos, como ratificação da superioridade do homem - mutilado por certas nações que a psicologia e a moral convencionais oferecem em meio à dualidade da consciência. O ideal nietzscheano seria o processo do qual se desprende os corolários como conclusão lógica. Vindo após séculos da filosofia catedrática, Nietzsche revoltou-se violentamente contra a mutilação do espírito de aventura pela oficialização das doutrinas.

Querendo ser pastor como o pai dedicava-se intensamente à teologia que abandonou contrariando as expectativas da família. A intervenção de sua formação impediu sempre as tentativas de amarrar as idéias em sistemas fechados. Expressou-se de preferência em trechos breves, aforismos e cânticos; culto que era da arte poética e musical. Nietzsche coloca-se como um destino, capaz de novas culturas. A transvaloração de todos os valores não é uma utopia. É a filosofia do “martelo” propriamente dita. Segundo ele, uma obra demolidora. Todo o idealismo, novo e velho, estão com os dias contados. Fortalece, assim, a luta contra a metafísica e a moral. É a favor da autenticidade e não de uma tradição que transformou a mentira em verdade. Sua natureza “dionisíaca” diz que é necessário destruir para construir.

Destruir o que? A moral e a metafísica. Mais uma vez suas marteladas atingem profundamente o que há de mais antigo e de mais atual. Mais uma vez este extemporâneo visionário aponta os caminhos da pós-modernidade: o nascimento de um novo estilo de vida, um



evolucionismo histórico em vias de uma configuração social. Nietzsche fez-se coerente consigo mesmo; possuía a consciência do próprio valor da vida: ela própria.

Esta aversão a Deus no sentido de ressentimento entre Deus e o próprio homem, expressa o “nihilismo”, antecipa a pós-modernidade e alcança a notoriedade por proclamar a morte de Deus. “Foi Lutero, esse monge fatal, quem restabeleceu a Igreja e, mil vezes pior, o cristianismo no próprio instante em que este sucumbia. O cristianismo, a religião formada da negação da vontade de viver... Lutero ataca a Igreja, e, por isso, a restabelece”.<sup>13</sup>

A começar pela revolução nietzscheana, levantaram-se questões de ordem cultural e social numa dialética que traz a nós determinadas posições. O conceito nietzscheano de um “homem livre” aparece como imagem invertida de um homem ainda não livre, um homem que é dominado pela mentira, pela ideologia e pela moral convencional. Os devotos da consciência moral não se refugiarão no filósofo sem antes, numa análise de sua obra, mergulhar na transvaloração. Nietzsche é o filósofo dos que se superam. Assim difícil é discorrer sobre a moral do “imoralista”.

A vitória da moral sobre si própria, a vitória do moralista sobre si próprio são no fundo duas negações que a palavra “imoralista” implica. “Nego, por um lado, o tipo de homem que até agora era valorizado como superior, o homem “bom”, “benévolo”, “caridoso”; nego, por outro lado, a espécie de moral que como moral, em si, se tornou relevante e dominadora - a moral da dependência e, de maneira mais precisa, a moral cristã”.<sup>14</sup>

Na sua filosofia, Nietzsche reafirma sempre o demasiado alto preço que a bondade se expõe como sintoma de fraqueza, incompatível com uma vida afirmativa. Na polêmica obra “Genealogia da Moral”, são abordados três tratados:

- 1º - Psicologia do cristianismo;
- 2º - Psicologia da consciência;
- 3º - Origem do ideal ascético.

Na psicologia do cristianismo aflora o ressentimento em relação à vida; o nascimento do cristianismo como espírito de predomínio sobre valores “nobres”. Nietzsche destaca o nihilismo como sintoma, como expressão de decadência. Criticada como altruísmo, compaixão, cristianismo, espiritualização, a moral é tratada de decadência. Artilharia pesada, que Nietzsche perseguiu em toda a sua obra filosófica.



O instinto enfraquecido; degenerado; a “voz de Deus” como fruto da violência da própria natureza. Por isso dentro dela esconde-se todo o animal homem; abordagens na psicologia da consciência. Aparece aí, na verdadeira luz a crueldade, como um dos mais velhos fundamentos da civilização. “A origem do ideal ascético volta-se contra o sacerdote: por não encontrar nada melhor na vida do aquém, o homem põe-se à prática do asceticismo e cai na maior contradição. É uma crítica à origem de todos os valores que o cristianismo - platônico - metafísico - engendrou na cabeça humana. Dessa forma, o procedimento genealógico é imprescindível para que se aprenda a enxergar por várias perspectivas, sem o qual não há transvaloração”.<sup>15</sup>

O ideal ascético assume tamanho poder, o poder ideal nocivo por excelência, como vontade de fim e ideal de decadência. “Não porque Deus atue por detrás do sacerdote, como se crê, mas porque à falta de melhor, o ideal ascético foi o único até agora, o único sem concorrente, pois o homem prefere a vontade do nada à ausência em absoluto da vontade”.<sup>16</sup>

Com as palavras de Nietzsche: o valor da vida não pode ser julgado, a vida não permite o juízo de um ser em particular, porque este faz parte da própria vida. Formamos parte de um todo, não há nada que possa dirigir o nosso ser, medi-lo, compará-lo, julgá-lo. Eis a grande primeira libertação. O conceito “Deus” era até aqui a maior objeção contra a existência. “Não nego Deus, mas responsabilidade em Deus”, com isso antes de mais nada redimimos o mundo.

Nietzsche afirma que o problema da genealogia dos valores morais é de primeira importância, porque implica o do futuro da humanidade. E torna a referir-se a Deus como um caminho onde, insidiosamente, se ocultava o instinto da decadência, sob as suas concepções dos valores mais sagrados. Nietzsche não poupa as mais duras críticas à comunidade religiosa cristã e aos filósofos que chama de “padres mascarados”, em relação à moral em si, pois denuncia-os de caluniadores do mundo que mancham a raça humana.

Torna sempre que possível a proclamar a decadência da humanidade, a vontade do fim e o processo de domínio diante das concepções auxiliares da moral, a “alma”, o “espírito”, “livre arbítrio”, “Deus” degenerado pelos “chamados santos”. “A obrigação de acreditar que tudo se encontra nas melhores mãos, que um livro, a “Bíblia”, nos confere definitiva segurança sobre o governo divino, e estável sabedoria quanto aos destinos da humanidade, se a conferimos com a realidade patente, corresponde a pretender calar a verdade que demonstra justamente o contrário”.<sup>17</sup>

Dessa forma, o procedimento genealógico é imprescindível para que se aprenda a enxergar por várias perspectivas, sem o qual não há transvaloração, repito. Nietzsche coloca-se como um destino, capaz de novas culturas. A transvaloração de todos os valores não é uma utopia,



assim acredita-se fortalecido em sua luta contra a metafísica e a moral. Sua natureza “dionisíaca” diz que é preciso destruir para construir. Tal é o sentido de autenticidade de um “espírito livre”. Em Nietzsche, se bem lido, encontra-se o máximo de sensibilidade. É o seu “pathos”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabendo-se que para tratar de Nietzsche todo o espaço ainda é pouco, pois tantas foram as suas vivências com o pensamento, que não é nada fácil querer aprender delas e com elas no cotidiano que cerceia cada um. Menos fácil ainda será emitir referências sobre sua extensa obra pontilhada de polêmicas afirmativas, até hoje aceitas por uns e contestadas com veemência por outros.

“Ecce Homo”, um livro autobiográfico que o próprio Nietzsche comenta a respeito de suas obras, traz a possibilidade de repensar o destino do Homem, sem que haja uma cultura na qual viva reduzido ao composto dual de corpo e espírito, mas, ao fluxo intenso de energias que chamou de “pathos”, “vontade de potência”. Através de sua afirmação, a vida torna-se justificada, o mundo redimido, quando toda a dura realidade da vida for percorrida por uma vontade de potência múltipla.

Considerado por um lado como redenção do mundo, como a mais elevada forma de afirmação, por outro lado, há um confronto com situações filosóficas até então existentes; a modernidade; o niilismo e a decadência; a moral ou a religião; uma tensão, enfim, não superada. O legado de Nietzsche é vasto, mas o fato é que ninguém poderia, de bom senso, escrever sobre o filósofo sem levar em consideração sua autobiografia.

Quanto mais distante de dicotomias metafísicas, maior a aproximação dele se faz possível. Há nele uma lógica “dionisíaca”, um desafio constante de auto-superação. Ao acusar o mundo moderno de “senhor da verdade” lança novas formas de estilo que romperam a ortodoxia da modernidade para revolucionar o pensamento ocidental e antecipar as bases da pós-modernidade.

Ele é um extemporâneo! Abriu as janelas do pensamento, ainda no século XIX para desafiar debates futuros sobre o evolucionismo histórico. À sua luz repassam as mais densas críticas e, também, as mais profundas reflexões do pensamento humano. É um arrogante quando afirma:



“Não me confundais com os outros”, “Eu não sou um homem, sou um dinamite”. Posiciona-se com autenticidade e autoconfiança valendo-se da afirmativa de ser o “Anticristo”.

Repugna os que se arregimentam como a um rebanho. Nega a tradição que transforma a mentira em verdade, elevando um outro mundo em detrimento deste. Em uma palavra, coloca o que tem sido a moral cristã até agora: uma vingança contra a vida. Entender Nietzsche é polemizar consigo mesmo, diante do crédito que atribuiu a si próprio: “Eu sou o destino”. O que será a mentira? - O sonho, o mito, o ideal, o vir a ser, a esperança? Qualquer que seja o instrumento sairá dele algum melodioso som. Nietzsche será sempre Nietzsche. “Estar doente é uma forma de ressentimento”. Começemos por aí nossa reflexão.

#### **Notas do texto:**

NIETZSCHE, Friedrich W. *Ecce Homo*, pgs. 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11,12,13,14.

NIETZSCHE, Friedrich W. *Vida e Pensamentos*, pgs. 15, 16 17.

#### **Referências bibliográficas:**

NIETZSCHE, Friedrich W. *Ecce Homo - Como se chega a ser o que se é*. Coleção Filosofia & Ensaios. Tradução e prefácio de José Marinho. 6ª ed. Guimarães Editores: Lisboa - Portugal.

NIETZSCHE, Friedrich W. *Subsídio de Mauro Araújo de Souza. Vida e pensamentos*. Editora Martin Claret Ltda, 1997. São Paulo - SP.